

Eminente educador oferece algumas indicações valiosas sobre como pode ser mantida a autoridade paterna no conturbado mundo moderno

Papai (ainda) É Quem Sabe

DENISE GAULT

P. Qual a diferença do papel do pai na família de hoje e de ontem?

R. A autoridade paterna era líquida e certa. O pai era ungido de um prestígio tradicional que não admitia contestação. Aceitando ou submetendo-se, obedecia-se. A palavra do pai de hoje já não é absoluta. Sua autoridade é discutida. Os filhos analisam seus pais — o pai especialmente, e este tem de conquistar sua autoridade dia a dia.

P. Diria que o papel do pai foi diminuído?

R. Embora haja muitas exceções, o papel do pai foi realmente diminuído. Esta mudança liga-se intimamente à destruição, no Ocidente, do que o grande sociólogo francês

Emile Durkheim chamou «a consciência coletiva». Nas gerações passadas, a consciência coletiva, automaticamente, levava as pessoas a pensar e agir de acordo com princípios morais aceitos e obedecidos pela sociedade como um todo, que eram respeitosamente seguidos, e com uma certa solenidade. Abra-se um velho álbum de fotografias de família, e verificar-se-á o alto grau de uniformidade de trajes e atitudes aparentes. Essa uniformidade aliava-se a um alto sentido de solenidade; indicava a seriedade, até angústia, que, sob pressões sociais, era parte da vida e dos seus problemas.

Hoje, essas normas coletivas praticamente não são observadas. Todo o mundo tem agora direito à sua maneira de pensar, seus sentimentos, e de estabelecer suas próprias regras de conduta. Mas nem todos são capazes dessa espécie de reflexão, ou de

Entrevista com o Inspetor-Geral da Educação, André Le Gall, Presidente da Associação Internacional de Caraterologia Geral e Aplicada, autor de *Um Novo Papel Para o Pai*.

reinvenção, nem têm o tempo necessário. Para muitas pessoas — e especialmente para muitos pais — o resultado é uma enorme confusão.

P. Nessas circunstâncias, qual o novo papel do pai?

R. É exatamente o de determinar o que, nessa situação emergente, pode ser admitido, seguido, adotado, e o que, dos modos antigos, deve ser eliminado ou restaurado.

P. Na sua opinião, portanto, o papel fundamental do pai é ainda o do «homem que decide»?

R. Exatamente. Quando surge um problema espinhoso, por exemplo, e a família está dividida num conflito, é o pai quem deve ditar as regras, mas o fará de modo diferente de como era feito no passado.

P. Que sugere?

R. Pais deveriam estabelecer o que se pode chamar de um relacionamento cooperativo com seus filhos adolescentes. Isto não significa que os filhos ficam no mesmo nível do pai. Um «pai cooperativo» não é o pai «colega dos filhos» — uma fórmula que, na minha opinião, implica uma atitude de rendição. O pai cooperativo continuará sendo o líder da família.

Tomemos um exemplo: Na questão da hora de voltar para casa, eu não acho que o pai pode resolvê-la com um *sim* ou *não* categórico. Deverá estar disposto a discutir o assunto, firmando-se, entretanto, discreta mas firmemente, na função de árbitro. Imaginemos que a discussão, de repente, enverede por um caminho que o pai considere potencial-

mente perigoso. Ele pode encerrar a conversa dizendo: «Muito bem, nós todos expusemos nossas posições. O problema é importante e deve ser pensado. Vamos dormir sobre ele.» No dia seguinte, concluída a troca de idéias, ele pode anunciar o seu veredicto calmamente, sem exibição de autoridade. Ter-se-á preservado o essencial: seu papel paterno foi mantido válido e decisivo, mas os filhos foram ouvidos. Nos tempos de hoje, o estilo cooperativo parece-me o único possível.

P. Se um pai toma uma decisão errada, pode admiti-lo sem enfraquecer sua autoridade?

R. Acho que um pai cooperativo corre menos riscos de errar que um pai autoritário. Este sempre toma decisões baseado apenas nas suas opiniões, sem exame dos problemas. O cooperativo — ou seja, o que escuta — pode começar por um caminho errado, mas as observações dos filhos o alertarão. O pai autoritário não pode errar, sob pena de perder o moral; no estilo cooperativo, pode errar e admiti-lo.

P. Acha que um pai que, no passado, não soube agir em relação aos seus filhos, pode ainda adotar com êxito o estilo cooperativo antes que seja tarde demais?

R. O estilo cooperativo pode ser adotado a qualquer momento. Não é preciso que o pai faça uma declaração pública de erro. Se, na semana anterior, sua tendência era a de dar ordens, ele pode aproveitar a primeira oportunidade para dizer: «Vamos examinar isto em conjunto,

vamos conversar a respeito.» Os adolescentes perceberão essa nova atitude. No princípio, poderão ficar confusos, mas vão gostar de o pai querer discutir os problemas, em vez de impor soluções preestabelecidas. E isso dará ao pai uma alegria renovada, que restabelece seu contato com os filhos.

P. E os pais que, diante dos problemas que hoje envolvem o papel paterno, abandonam-no simplesmente, deixando à mãe a responsabilidade pelos filhos?

R. Alguns pais realmente usam essa crise de autoridade como uma desculpa para «tirar o corpo fora» e refugiar-se no papel de provedor da família. Mas, na realidade, sentem-se infelizes, incompletos, frustrados e sem auto-respeito.

Arranjam mil desculpas. É certo que a vida moderna os mantém fora de casa durante muito tempo, e, necessariamente, minimiza seus papéis na família. O essencial é que não percam as rédeas da autoridade; uma vez partidas, elas são difíceis de restaurar. Eles devem, portanto, interessar-se de perto com o que se passa em casa. Se chega tarde do trabalho, por exemplo, deve dar uma espiada nos deveres escolares dos filhos, de forma que o trabalho deles, embora sob supervisão da mãe, sempre recebe a aprovação — ou crítica — do pai. Assim, ele mantém a «presença» no lar.

P. Não são os pais jovens diferentes dos da geração passada? Não participam agora mais dos cuidados com os filhos?

R. Esta, realmente, é a tendência. Mas não significa que, mesmo para os pais jovens e atentos aos filhos, os mesmos problemas não surgirão quando os bebês de hoje tiverem 7, 11 ou 18 anos.

P. Qual a idade mais difícil no relacionamento pai-filho?

R. A adolescência é um dos períodos mais difíceis. Entre os 13 e os 17 anos, os filhos sentem um impulso de libertarem-se das famílias, que pode assumir a forma de oposição ativa. Esse desejo normal de autonomia é acentuado pela crise atual. A única forma de planejar para isto é consentindo progressivamente na autonomia dos filhos. O intercâmbio cooperativo dará ao pai a oportunidade de consenti-la gradualmente, de demonstrar que é a favor, sem excessos.

P. Amar aos filhos, então, não basta?

R. Claro que não. É preciso compreendê-los também. É importantíssimo compreender o caráter de cada criança e tratá-la de acordo com a sua natureza especial. Mas compreender um filho implica compreender o contexto social mutante e inovador que o cerca e influencia.

P. É de opinião, então, que, apesar de tudo, o papel paterno pode e deve ser mantido?

R. Ainda existe, hoje, o papel tradicional de árbitro da vida familiar, desde que o pai saiba como assumi-lo, desempenhando-o do modo como o descrevi. Somente se tiver essa capacidade ele terá condições de preservar o seu papel.